

ARTURO PÉREZ-REVERTE

A PONTE DOS
ASSASSINOS

Traduzido do espanhol por
Cristina Rodriguez e Artur Guerra

ASA

ÍNDICE

Gente de Aço e Silêncios	11
Os Velhos Amigos	34
A Cidade de Ferro	59
A Cidade do Mar	87
Confidências de Lobos Velhos	110
A Porta das Gôndolas	130
O Arsenal de Veneza	153
Custe a Quem Custar	172
A Missa do Galo	203
A Ilha dos Esqueletos	230
Nota do Autor	242

CAPÍTULO I

GENTE DE AÇO E SILÊNCIOS

Dois homens batiam-se à luz indecisa do amanhecer, silhuetas na claridade cinzenta que chegava devagar de levante. A ilha — na realidade pouco mais que uma ilhota — era pequena e plana. As suas margens, despidas pela maré baixa, desvaneciam-se na bruma que a noite tinha deixado para trás. Isso dava a impressão de paisagem irreal, como se aquela porção de terra enevoada fizesse mesmo parte do céu e da água. As nuvens eram pesadas e escuras e sobre a lagoa veneziana chuviscava uma neve quase líquida. Estava muito frio naquele 25 de dezembro de 1627.

— Estão loucos — disse o mouro Gurriato.

Ele continuava deitado na geadada do chão, embrulhado na minha capa molhada, e erguia-se debilmente sobre um cotovelo para observar os pelejadores. Eu, que acabava de lhe ligar a ferida do flanco, continuava de pé junto de Sebastián Copons, tiritando sob o meu gibão de pouco agasalho. Olhava para os dois homens que, a vinte passos de nós, de cabeça descoberta e em corpo bem feito apesar da inclemência daquelas paragens, se digladiavam de espada e adaga na mão.

— Deus cega quem deseja perder — murmurou o mouro, entre os dentes apertados pela dor.

Não respondi. Estava de acordo que aquilo era um disparate que culminava o outro, o mais vasto e sangrento que nos tinha levado até ali; mas eu nada podia fazer. Nem súplicas nem razões, nem sequer a evidência notória do perigo mortal que todos corríamos, tinham conseguido evitar o que estava a acontecer na ilha. Uma porção de terra, esta, cujo nome assentava que nem uma luva no nosso presente incerto: ilha dos Esqueletos, lugar escolhido como ossário pelos habitantes de Veneza para despejar, há uns anos a esta parte, os seus cemitérios abarrotados. Havia vestígios por todo o lado. Entre a erva húmida, a lama e a terra remexida, e não precisava de reparar muito para descobrir restos de ossos e caveiras.

Só se ouvia o tilintar dos aços: cling-clang. Os meus olhos só se afastaram da cena para olhar ao longe, na direção do sul, onde a lagoa se abria ao Adriático. Apesar de diminuírem as nossas possibilidades à medida que a luz diurna assentava, animava-me a esperança de avistar, antes que fosse demasiado tarde, uma manchinha branca no horizonte: a vela da embarcação que devia tirar-nos dali, levando-nos para um lugar seguro antes que os nossos perseguidores, que esquadrihavam, furiosos, as ilhas próximas, dessem connosco e nos caíssem em cima como cães raivosos. E por Deus que não lhes faltava motivo. De qualquer modo, já era sobejo milagre estarmos ali, a tremer de frio naquela ilhota, o mouro Gurriato com a sua facada mas ainda vivo, enquanto o capitão Alatraste ajustava velhas contas pendentes. Nós os cinco que aguardávamos na ilha — três a olhar e os outros em dança de toledanas, como eu disse — éramos dos poucos que ainda podiam contar as coisas. Nesse mesmo instante, não longe dali, outros companheiros de aventuras estavam a ser torturados e estrangulados nos calabouços da Sereníssima, pendurados por uma corda em frente de São Marcos ou flutuavam na água dos canais, tingindo-a de vermelho com um belo lanho na garganta.

Tudo tinha começado dois meses antes, em Nápoles, no regresso de uma incursão na costa grega. Depois do combate

naval com os turcos nas bocas de Escanderlu, onde perdemos tantos homens bons e estivemos quase a deixar a pele, o capitão Alariste e eu — mancebo em dias, mas já soldado, ia a caminho dos dezoito anos não tardava nada — estivemos uma temporada a repor a saúde e o ânimo com as delícias da antiga Parténope, bastião principal do rei nosso senhor no Mediterrâneo e paraíso dos espanhóis em Itália. Pouco durou a descontração. Atirados a trouxe-mouxe — sobretudo o filho do meu pai — para as tabernas do Chorrillo e para os prazeres em que tão generosa era aquela magnífica cidade, tudo isto deu o golpe de misericórdia à nossa bolsa já seca. De modo que, homens de armas como éramos, não tivemos outro remédio senão procurar oportunidade de melhor fortuna, e metemos os papéis para embarcar outra vez. A brava *Mulata*, que tínhamos trazido muito a custo e muito maltratada da viagem à costa da Anatólia, estava na tercena, a ser reparada. Por isso embarcámos na *Virgen del Rosario*, galé de vinte e quatro bancos. Para nossa desilusão, a primeira saída não foi para andar no corso nas ilhas do Levante à caça de despojos, mas sim de viagem pela costa grega, até ao lugar a que chamávamos braço de Mayna, para levar armas e socorros aos cristãos que ali faziam guerra de montanha escaramuçando contra os turcos que, há duzentos anos, ocupavam a sua terra.

A missão era simples, de pouca monta e nenhum benefício para nós: carregar em Messina cem arcabuzes de Eibar, trezentas lanças de ponta tolosana e quinze barris de pólvora, e desembarcar tudo de maneira secreta numa enseada, para lá do cabo de Matapão, a que os gregos chamavam Porto Kayio e os espanhóis Porto Coalla. Assim fizemos, sem tropeços, e isso permitiu-me ver de perto os mainotas, que são os gregos daquela parte e habitam uma terra áspera, estéril, que os torna rudes, brutos e ladrões até mais não poder. Eram muitas as esperanças de liberdade que esta gente, submetida pela crueldade turca, tinha postas no rei de Espanha como monarca mais poderoso do mundo; mas ao nosso senhor dom Filipe IV e ao seu ministro, o conde-duque de Olivares, não lhes interessava comprometer-se por causa de uns quantos gregos oprimidos, numa campanha distante e incerta como aquela, contra um império turco que, embora ainda em pleno vigor, tinha deixado de ser agressivo para nós no Mediterrâneo. A guerra reavivada na

Flandres e na Europa engolia homens e dinheiro e os nossos inimigos naturais, a Holanda rebelde e também França, Inglaterra, Veneza e o próprio Papa de Roma, teriam visto com felicidade Espanha enlameada num conflito oriental que distraísse forças do cenário europeu; ali onde o velho leão hispano lutava só contra todos, ainda com ferozes sapatadas graças ao ouro da América e aos temíveis velhos terços da infantaria espanhola. Por isso o nosso socorro aos habitantes do Braço de Mayna foi mais simbólico do que outra coisa, animando-os a perseguir os otomanos — degolavam os cobradores de impostos, armavam emboscadas e coisas assim —, mas sem lhes conceder mais que vagas promessas e alguma ajuda menor, como a que a *Virgen del Rosario* desembarcou em Porto Coalla. Poucos anos mais tarde aconteceu o que em tais casos costuma acontecer: os turcos afogaram o levantamento em sangue e Espanha abandonou os mainotas à sua triste sorte.

A verdade é que regressámos a Nápoles sem novidade, com um vento próspero que nos fez avistar o Vesúvio em poucos dias. A galé ficou amarrada no cais grande, junto ao farol, perto das imponentes torres negras de Castilnuovo; e saímos para terra quando nos foi permitido, coçando os percevejos a caminho dos nossos alojamentos no bairro, ou quartel, ali chamado dos espanhóis. A peleja das bocas de Escanderlu tinha-nos aproximado de novo, ao capitão Alatríste e a mim, depois de alguns desacordos aos quais a minha juventude e arrogância, com os vícios que a vida de soldado implica, não tinham sido alheias; mas eu continuava a viver nos barracões militares de Monte Calvario, sem regressar ao meu antigo quarto na pousada de Ana de Osorio. Isso dava-me independência e facilitava a companhia com gente da minha idade, como Jaime Correas, que tanto em Nápoles como na Flandres era consorte habitual, e com quem costumava aprontar grandes confusões. Este amigo, cada vez mais devasso, sempre pronto para as cartas, para se armar em Baco e andar com a cabeça a juros por um caramilho, não era, concordo, a melhor influência. Ele sozinho bastava para desonrar um duque. No entanto, eu tinha-lhe apegos. Nos *mandarachos*¹ e tabernas partenopeias continuávamos

¹ Tabernas pequenas onde às vezes se jogava. (*N. dos T.*)

imparáveis; e não só ali, pois ambos saíamos aplicados a parafrasear, do bom Miguel de Cervantes, aqueles lindos versos parnasianos:

*E disse a mim mesmo: «Não me engano,
esta é Nápoles, cidade ilustre,
cujas fêmeas gozei mais de um ano.»*

Naquela manhã, quando chegámos diante da pousada onde vivia o capitão, carregados com os nossos sacos de soldados e abrindo passagem por entre a gente que abarrotava as ruas desordenadas do quartel espanhol, um homem que aguardava apoiado na parede fronteira afastou-se dela e veio ter connosco. Estava vestido de preto, como advogado ou funcionário, não usava espada e cobria-se com chapéu de aba curta. O seu aspeto fazia lembrar aqueles corvos sinistros que é costume encontrar junto de juízes e inquisidores, a escrever linhas que não tardarão a complicar-nos a vida. Das primeiras coisas que eu tinha aprendido ao lado do capitão, muito à minha custa, contava-se recear menos aqueles que limpam as unhas com facas de diversas configurações — umas para cortar bolsas, outras para matar porcos e outras para matar pessoas — do que aquela ralé vestida de preto, hábil em cevar forcas, prisões e cemitérios com uma pena de ave, um tinteiro e umas resmas de papel.

— É vossa mercê Diego Alatríste?

A sua pronúncia era de bom espanhol, sem rasto de italiano. Olhámos para ele com a natural desconfiança, sem deixar de mascar os bocados de escamoza² que tínhamos comprado a um queijeiro pelo caminho. Uma coisa era um camarada dar-nos as boas-vindas ao sair da galé, apontando alegre para a porta de uma taberna, e outra bem diferente encontrar um pássaro de mau agouro a pronunciar o nosso nome e apelido. Observei que o capitão estava a ficar tenso e largava a mochila no chão, enquanto os seus olhos glaucos percorriam o indivíduo de cima a baixo.

² Escamoza: queijo de vaca italiano semelhante ao mozzarella. (*N. dos T.*)

— E depois, se eu for?

— Tenho instruções para vos levar comigo.

Sob a aba larga do chapéu que lhe escurecia o rosto aquilino, bronzeado pelo sol grego, vi os traços do meu antigo amo endu-recerem. Apoiou como que por descuido a mão esquerda no punho da toledana que levava à cintura.

— Aonde?

O indivíduo olhou para mim, hesitante, enquanto eu avaliava aquilo tudo rapidamente. Acabei por descartar um mau passo que tivesse como próxima etapa a prisão de Santiago ou o Vicariato. Ninguém que conhecesse o nome de Diego Alatraste — e por conseguinte a reputação que o sustinha — ia encarregar um único homem de o levar aonde ele não quisesse ir. Para esses lances costumavam enviar os meirinhos de seis em seis, armados com mais ferro que Biscaia.

— É um assunto particular — disse ele. — E só diz respeito a vossa mercê.

— Aonde? — repetiu o capitão, impassível.

Um silêncio. O homem vestido de preto já não parecia tão seguro de si. Dirigi-me outra vista de olhos rápida antes de encarar de novo os olhos frios que o observavam sob a aba larga do chapéu.

— A Piedegruta... Alguém deseja ver-vos.

— É um assunto oficial?

— Poderá ser.

Com estas últimas palavras tirou um papel dobrado e lacrado do bolso e entregou-o ao capitão. Este quebrou o selo, deu uma vista de olhos, e eu, que me tinha afastado ligeiramente para não parecer indiscreto — embora ardesse de vontade de meter o nariz —, vi-o passar dois dedos pelo bigode. Por fim dobrou o papel, guardou-o na algibeira e ficou pensativo por instantes. Depois virou-se para mim.

— Vejo-te mais logo, Íñigo.

Assenti, desiludido. Conhecia o seu tom e não houve mais nada a dizer. Despedindo-se de mim com um gesto, segui caminho com a mochila ao ombro, encosta acima, rumo ao Monte Calvario, em cujo barracão militar, juntamente com Jaime Correas e outros camaradas, se alojava também Aixa Ben Gurriat,

a quem todos chamávamos o mouro Gurriato: o renegado azuago que se tinha alistado na infantaria espanhola depois da cavalgada de Orã. Continuava a ser uma personagem pitoresca e perigosa, particularmente ligada ao capitão Alatríste. Durante o tempo que andámos no corso na *Mulata* tinha tecido connosco uma lealdade ainda mais singular e estreita; embora no fundo dos seus pensamentos, com aquela estoica serenidade que o caracterizava na hora de encarar a vida e a morte ou considerar os atos dos homens, continuava a ser um mistério para mim. Acrescentarei, já que nisso estamos, que o nosso rancho de amigos na cidade era completado — o capitão Alonso de Contreras era nessa época governador em Pantelária — pelo aragonês Sebastián Copons, que não tinha embarcado na *Virgen del Rosario* porque servia como responsável da guarnição do Castelo do Ovo. Naquele tempo também passou uns dias em Nápoles, embora só de passagem, Lopito de Vega, filho do grande Lope, que já tinha a sua patente de alferes. Folgáramos muito em encontrá-lo outra vez, pois era um bravo rapaz; embora a nossa alegria estivesse ensombrada pela sua recente viuvez da jovem Laura Moscatel, arrebatada por umas quenturas malignas ao fim de pouco tempo de casamento. O filho do *Fénix dos Engenhos* voltará a aparecer no decorrer da presente história, por isso falaremos dele mais à frente.

Diego Alatríste saiu da carruagem e olhou em volta, desconfiado. Tinha por bom costume, antes de entrar num sítio incerto, estabelecer por onde iria sair, ou tentar, se as coisas acabassem por se complicar. O bilhete que lhe ordenava acompanhar o homem de preto estava assinado por dom Esteban Espinar, sargento-mor do terço de Nápoles, e não admitia qualquer discussão; mas nele nada mais se esclarecia. Por isso Alatríste estudou os arredores antes de se encaminhar para o casarão de três andares que se erguia no lado direito da via Piedegruta, perto da praia. Conhecia o lugar por ser sítio dos arredores frequentado pelos espanhóis em festas e romarias. Havia algumas casas de pasto agradáveis entre os casais e arvoredos do sopé do Posílipo, a casa da Torre ficava do outro lado do caminho, e a igreja de Santa Maria no final deste, perto da entrada da antiga e famosa gruta

que desde o tempo dos romanos dava nome a esta paragem. Aquela hora, o lugar estava pouco transitado: umas mulheres voltavam com cântaros de água da fonte próxima e um sapateiro remendão manejava a sua sovela debaixo de um toldo de listas brancas e azuis, na esquina da rampa velha de Santo António.

— Siga-me, vossa mercê.

O casarão tinha quase todos os janelos fechados. O eco duplo dos passos — as botas de Alatraste, sobretudo — parecia prolongar-se até ao infinito. O seu interior mal ventilado, escuro nalguns lugares, estava mobilado com móveis velhos, colocados de qualquer maneira junto de paredes de tinta esbatida, restos de um antigo esplendor. No primeiro andar, no fim das escadas, prolongava-se um corredor largo e comprido com portas de um lado e doutro, em cujo extremo se abria um salão muito iluminado pelo sol. Parecia a única divisão confortável da casa: quadros nas paredes e tapete de desenho oriental sobre chão de mosaicos. Em frente de uma lareira grande e apagada, uma secretária, com quatro cadeiras dispostas dos lados, estava coberta de livros e papéis. Também havia um candelabro de cinco braços, um frasco de vinho e dois copos de vidro trabalhado. Um pouco mais além, ao pé duma janela por onde se distinguiam, ao longe, as torres de Mergelina e o campanário de Santa Maria do Parto, dois homens em pé conversavam envolvidos na contraluz forte do exterior.

— Com a vossa permissão, Excelência — disse o homem de preto.

Tinha parado no umbral, de chapéu na mão. O mesmo fez Diego Alatraste, descobrindo-se quando uma das duas silhuetas recortadas no fulgor da janela se virou para ele, movendo-se para o lado: tratava-se de um cavalheiro de meia-idade, bom aspeto e melhores roupas. O seu rosto era-lhe desconhecido, mas não lhe passou ao lado, além do tratamento por Excelência, o punho de ouro martelado da espada que levava à cintura, os botões de esmeraldas no seu gibão de veludo violeta e a cruz de Calatrava bordada sobre o peito. Imóvel, com as mãos nas costas, o homem esteve a olhar um bom bocado para Alatraste, em silêncio. Tinha o cabelo crespo e curto muito salpicado de cabelos brancos, como o bigode, e a barba estreita e aparada.

— Haveis demorado um pouco — disse por fim.

O tom era de aborrecimento. Arrogante. Depois de o considerar por momentos, Alatríste encolheu os ombros.

— Venho de longe — respondeu.

— O porto não fica assim tão longe.

— A costa grega, sim — não pestanejou na breve pausa.
— Excelência.

O outro enrugou a testa. Saltava à vista que não era o tom a que ele estava habituado, mas Alatríste importava-se pouco com isso. Diz-me o teu nome, pensou sem despegar os lábios, ou o teu título, e varro o chão com o feltro. Mas venho demasiado cansado para jogar às adivinhas em vez de estar na pousada, a tirar o sal e a porcaria numa tina com água quente. Ou para me satisfazer com o seco Excelência dito por um funcionário que eu também não conheço, que nada me conta e o diabo que o carregue.

— Disseram-nos que a vossa galé amarrou de madrugada — comentou o cavalheiro, desabrido.

Alatríste encolheu os ombros novamente. A situação tê-lo-ia divertido, talvez, se não olhasse pelo canto do olho, de vez em quando, para o outro homem imóvel na forte contraluz da janela. O seu silêncio inquietava-o. Reunião de pastores, recordou, ovelha morta. Nestes casos, a ovelha costumava ser ele.

— Um soldado não vai a terra quando quer, mas sim quando o deixam ir.

O outro estudou-o com olhar crítico, silencioso. Alatríste observou que fixava com atenção as cicatrizes do seu rosto e das mãos, e nos riscos e amolgaduras que revestiam a guarda de aço da sua espada. Depois, Sua Excelência — quem quer que fosse — moveu a cabeça muito devagar. Reflexivo.

— Aqui o tendes — disse por fim, virando-se a meias para o homem oculto pela contraluz da janela.

Então este moveu-se; e quando o brilho do sol deslizou por cima da sua cabeça e dos seus ombros, descobrindo-o, Alatríste reconheceu dom Francisco de Quevedo.

— Veneza — concluiu Quevedo.

Tinha estado a falar durante um bom bocado sem que ninguém o interrompesse. O outro cavalheiro tinha permanecido em

silêncio, apoiado com atitude distinta no lintel da lareira: uma mão na anca, sobre o punho da espada, e um copo de vinho na outra. Displícite, mas sem afastar os olhos do soldado que continuava imóvel no centro da sala.

— Alguma pergunta? — disse agora.

Diego Alatríste virou um pouco o rosto para ele, considerando dentro de si tudo quanto acabava de ouvir.

— Muitas — respondeu.

— Pois atendamo-las, uma a uma.

Alatríste olhou novamente para Quevedo. O poeta confirmava, amigável como sempre, como se na véspera tivessem despatchado juntos um quarto de vinho San Martín de Valdeiglesias na taberna do Turco. A gravidade da conversa não disfarçava os velhos afetos.

— Porquê vossa mercê, dom Francisco?

O sorriso do poeta acentuou-se. Tinha mais cabelos brancos e marcas de cansaço no rosto. Sem dúvida que tinha feito um grande esforço: de Madrid para embarcar em Cartagena, e depois o mar com ventos difíceis, até Nápoles. E os anos não passavam em vão. Para ninguém.

— Antes desta fiz catorze viagens a Itália, durante a minha amizade com o falecido duque de Osuna, dom Pedro Téllez Girón... Serviram-me de estudo. A minha situação atual na Corte fez com que alguns recordassem os serviços passados. Os meus contactos e experiência. E que recorressem a mim para certos aspetos de um assunto delicado... Um negócio importante e secreto.

Tinha de ser, deduziu Alatríste. Muito importante e muito secreto: o suficiente para recorrer a dom Francisco de Quevedo. Estavam todos a par da estreita relação, como embaixador e conselheiro do duque de Osuna, que o poeta tinha tido, há uns anos, com o desgraçado Pedro Téllez Girón quando este, vice-rei de Espanha na Sicília e depois em Nápoles, era ponta de lança da monarquia espanhola no Mediterrâneo e açoite implacável de turcos e de venezianos. Depois, a queda em desgraça de Osuna — a que nem invejas da Corte nem ouro da Sereníssima foram alheios — tinha arrastado Quevedo, que demorou muito tempo a recuperar o favor real graças à sua crescente proximidade com o

ambiente da rainha Isabel e à necessidade que da sua pena, afiada e letal, tinha o conde-duque de Olivares.

— O Norte de Itália é a chave, querido capitão — prosseguiu o poeta. — É-o para todos: Espanha, França, Saboia, Veneza... Nós, os espanhóis, precisamos de manter, a partir da Lombardia, o caminho próprio e seguro que permita levar por terra os nossos terços até à Flandres. Quanto aos franceses, continuam a estrebuchar de inveja pela nossa presença em Milão. Por sua vez, Saboia continua desatinada por causa de Monferrato, inesquecível pretensão da sua cobiça. E os venezianos mantêm a sua inquieta ambição sobre o Friuli, onde querem usurpar os portos que o imperador detém...

Tinha-se aproximado da mesa, onde estendeu entre os papéis que ali havia, iluminados pelo retângulo de luz da janela, um grande mapa da península Itálica. Depois de encaixar os óculos, que estavam pendurados num cordão da abotoadura do gibão preto, os seus dedos percorreram de cima a baixo a franja em forma de bota entre os mares Adriático e Tirreno: extensas possessões espanholas de Sicília e Nápoles, a sul, e o estado de Milão, a norte, além da ilha da Sardenha e dos presídios toscanos costeiros, a região do Finale na costa ligure e o forte de Fuentes no sopé dos Alpes. Um poderio político e militar formidável a que só podiam fazer sombra os três grandes estados italianos adversários da hegemonia espanhola: os do Papa, Saboia e Veneza.

— Veneza... Essa puta do mar, desavergonhada e hipócrita.

Um dedo de dom Francisco parou sobre a cunha de território que entrava pelo Norte da península, desde o golfo Adriático até aos confins espanhóis do Milanésado. O poeta quase cuspiu as palavras e Diego Alatraste percebeu porquê. Nem escapava a Quevedo nem a ninguém que a desgraça do duque de Osuna tivera muito a ver com as invejas e intrigas da Corte de Madrid, mas também o ouro da Sereníssima.

— República parasita — continuou a dizer Quevedo —, aristocracia de mercadores, vive de promover distúrbios aos outros. Alia-se a príncipes que teme, para os destruir pela calada. Dão-lhe mais paz e vitórias as guerras em que mete os seus amigos do que as que declara aos seus inimigos... Os seus embaixadores são espiões, o seu ouro estímulo de sedições. É gente sem outra

religião a não ser o seu interesse. Permite no seu solo escolas públicas das seitas de Calvino e de Lutero. Alugados os seus exércitos, vence vendendo e comprando e não pelejando... Veneza é uma rameira, como digo, que ganha com o seu corpo para que outros a defendam e tem por chulos França e Saboia. E sempre foi assim. Depois de Lepanto, quando Roma, Espanha e toda a Europa confiavam nos pactos estabelecidos, a Sereníssima Raposa apressou-se a assinar em segredo a paz com o turco.

A eloquência de dom Francisco era quase literária, observou Diego Alatriste. Até para um antiveneziano convicto, como era o seu velho amigo, a retórica parecia excessiva. Dir-se-ia que recitava de cor um daqueles opúsculos que escrevia nos últimos tempos para satisfação do conde-duque. Por fim, olhando de soslaio para o cavalheiro que continuava apoiado na lareira e ouvia o discurso com manifesta aprovação, julgou compreender a causa: Quevedo expunha em voz alta a doutrina oficial. A justificação, que posteriormente seria pública, do que ali se tramava, ou começava a tramar. E como o gato escaldado até a água fria receia, Alatriste interrogou-se, com um novo estremecimento de inquietação, que parte de tudo aquilo — nunca a mais gratificante nem a mais bem paga, como de costume — acabaria por cair sobre os seus ombros.

— Esses republicanozecos — concluía Quevedo — puseram toda a sua atenção no Adriático, chamando-lhe golfo seu... E com a história de se apelidarem defensores de Itália e da fé cristã, dizendo que lhes pertence o domínio daquele mar para o limpar de corsários, deixam que holandeses, mouros e turcos, todos eles inimigos da religião católica, o naveguem a seu bel-prazer.

Interrompeu de repente, como se tivesse esgotado os argumentos. Franzia o sobrolho, parecendo verificar se se esquecia de alguma coisa. Caíram-lhe os óculos da cana do nariz, ficando pendurados do cordão. Depois olhou para o cavalheiro da lareira, verteu vinho noutra copo e bebeu-o de um trago, sem respirar, como se precisasse de molhar a palavra. Foi então que o outro se afastou da lareira, veio até à mesa e contemplou pensativo o mapa de Itália. Ainda tinha uma mão apoiada na anca e sorria de uma maneira estranha, considerou Alatriste. Como o gariteiro que baralha cartas com mais flores que maio.